

## Resenhas

VESENTINI, José William (2013). *Novas Geopolíticas*. 5ª edição. São Paulo: Editora Contexto.

**Gabriel Saldanha Lula de Medeiros\***

José William Vesentini é professor do departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. É considerado um dos pioneiros da geografia crítica no Brasil. Seus livros são, geralmente, voltados para o ensino da geografia e para a geopolítica. Entre suas obras mais importantes destaca-se “Geografia, Natureza e Sociedade”.

Neste livro, “Novas Geopolíticas”, Vesentini traz à luz uma discussão acerca dos conflitos geopolíticos que poderão ser palco das disputas pela hegemonia e poder no século XXI. Para isso, ele faz um recorte histórico sobre o desenvolvimento dos estudos geopolíticos desde a geopolítica clássica, teorizada pelos militares e geógrafos, com foco nos Estados, até os dias atuais, onde há uma profunda interdisciplinaridade nos estudos da área, com contribuições de intelectuais de vários segmentos como a Sociologia, Antropologia, Economia, História. Isto se faz necessário pois, segundo o autor, os conflitos na contemporaneidade, principalmente no século XXI, tendem a não ser mais exclusivamente entre Estados em busca de poderes econômicos e territoriais, podendo ser até mesmo de ordem cultural.

De acordo com Vesentini, a geopolítica surgiu com o status de ciência no início do século XX, a partir de publicações feitas pelo professor sueco Rudolf Kjellén. Este era professor de História e Ciência Política das universidades de Göteborg e Uppsala e, em 1916,

escreveu um livro chamado “O Estado Como Forma de Vida”. Ele definia a geopolítica como sendo “a ciência que estuda o Estado como organismo geográfico”.

Após a queda do modelo hegemônico unipolar que tinha a Inglaterra no centro do poder até o século XVIII, a tendência da hegemonia era tornar-se multipolar, com o poder centrado nas mãos das principais potências europeias. Com isso, até o século XX, estas potências protagonizavam disputas de ordem econômica e territorial. A partir destas disputas a geopolítica passou a ser um campo de estudo dominado pelos militares e geógrafos, servindo principalmente aos interesses dos Estados. Além do mais, na época, não era comum a ideia de interdisciplinaridade, engessando os estudos geopolíticos nas mãos destes.

Os estudos geopolíticos ganharam certa popularidade na Europa, porém, esta popularidade aumentou consideravelmente a partir da criação da Revista de Geopolítica (Zeitschrift für Geopolitik) que circulou na Alemanha entre 1924 e 1944. De acordo com Vesentini, esta revista foi responsável por tornar a geopolítica mundialmente conhecida e que, sem a popularidade da revista não só em território alemão mas também em vários outros países europeus, a geopolítica possivelmente não teria logrado o status de ciência.

Esta revista foi fundada e chefiada por Karl Haushofer, que acreditava em ideias, na época comuns à sociedade alemã, sobre a superioridade da raça ariana e a necessidade do “espaço vital” (conceito desenvolvido

\*Acadêmico do curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
E-mail: gabriellula96@hotmail.com

por Ratzel) para o desenvolvimento da Alemanha. As ideias propagadas por Haushofer na revista eram, muitas vezes, repetidas em salas de aula de escolas básicas ou universidades, uma vez que o periódico contava com a contribuição de intelectuais da geografia e demais ciências, professores universitários, que repetiam seus conceitos e concepções para os alunos.

De certa forma, Haushofer contribuiu para a disseminação dos ideais nazistas que, em determinada medida, estavam em consonância com aquilo que se publicava em sua revista. Não se sabe se a publicação recebia algum incentivo do governo alemão para isso, porém, Vesentini diz que Haushofer, apesar de ser casado com uma judia, foi apresentado a Hitler por um amigo em comum que contribuía com a revista, o senhor Rudolf Hess.

Na década de 1940, com o fim da Segunda Guerra e o fim dos Estados nazista e fascista, a geopolítica clássica entrou em declínio, sendo altamente criticada pelos intelectuais durante os anos que se seguiram. Devido o seu caráter militarizado, era vista como uma fomentadora de estratégias de guerra e de legitimação de ações repressoras e desastrosas. Até os anos de 1970, a geopolítica foi criticada e, nos mais importantes ciclos intelectuais e acadêmicos, não se produziam trabalhos na área.

Entre os anos de 1970 e 1980, no contexto da Guerra Fria, houve a preocupação no meio intelectual com o advento de uma terceira guerra mundial provocada pelas rusgas ideológicas entre capitalismo e socialismo, EUA e URSS, e gastos em armamento que as vezes chegavam a oitocentos bilhões de dólares por ano. Então, viu-se a necessidade de produzir estudos geopolíticos para entender a configuração de poder da época, que pouco tinha a ver com disputas entre Estados e sim entre ideologias, além de tentar evitar uma possível guerra mundial.

Com o fim da Guerra Fria, o esfacelamento da União Soviética e a reconfiguração territorial do mundo, a geopolítica tem se dedicado a tentar compreender as novas relações de poder que tendem a surgir a partir destes acontecimentos. Tentar compreender a chamada nova ordem mundial é a preocupação da geopolítica atual.

Vesentini elenca alguns intelectuais que, para ele, melhor elaboraram teorias referentes às dinâmicas da nova ordem mundial. Edward Luttwak (professor do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais de Washington) foi o primeiro a desenvolver a ideia de que a nova ordem mundial não estará mais relacionada a ordens militares ou ideológicas, e sim econômicas. Em 1990, num artigo publicado na revista americana *The National Interest*, Luttwak diz que a geoeconomia está substituindo a geopolítica, e isto se dá por uma série de

motivos. O primeiro deles é que a redução drástica de Estados socialistas após a Guerra Fria abriria espaço para a disputa capitalista de mercado. Com a revolução tecnológica (ou terceira revolução industrial), avanço do liberalismo e a globalização, os Estados passariam a ter menos influencia no mercado, separando as disputas econômicas independentes de questões nacionais, militares ou ideológicas como em outras épocas.

Por esse motivo, a disputa atual não mais consistiria em produzir maior quantidade de armamentos ou anexar novos territórios (seja militar ou ideologicamente, como na época da guerra fria), e sim em produzir maiores e melhores bens de serviços, ampliando a produtividade, o nível tecnológico e educacional, o padrão de consumo da população enfim. (VESENTINI, 2013, p. 33).

Vesentini ressalta a importância dos blocos econômicos nestes conflitos. Para ele, antes mesmo do fim da URSS, já se debatia na imprensa e nos meios acadêmicos quais seriam os blocos de poder a “dominar” uma suposta nova ordem mundial com o fim do regime socialista soviético e, conseqüentemente, a queda da bipolaridade capitalismo versus socialismo. Por isso, esta ideia dos blocos e megablocos não tem uma autoria definida.

De acordo com o autor, naquele período, os EUA, o oeste europeu e o Japão apresentavam grande progresso econômico sendo considerados a tríade do sistema capitalista. Esta é a razão pela qual se acreditava que estes três constituiriam megablocos que dominariam a ordem de poder pós Guerra Fria. Os EUA lideraria um megabloco constituído pelas américas; o oeste europeu outro (com a Alemanha no comando) constituído pela Europa e África; e o Japão lideraria o último, abrangendo Ásia e Oceania. É importante dizer porém, que a estagnação da economia japonesa no final do século XX e o alto crescimento dos índices econômicos chineses fizeram alguns estudiosos pensarem que a China pode liderar este último megabloco.

Uma ideia de muitos adeptos é a do “sistema-mundo”, onde alguns Estados com maior poder econômico, como os Estados Unidos, seriam considerados “potencias hegemônicas”, porém, não eram os projetos geopolíticos destas potencias que comandariam as dinâmicas econômicas e de poder na nova ordem mundial, e sim um sistema-mundo, global, de economias interdependentes. Um sistema pautado numa economia liberal, globalizada, de cooperação. Sendo assim, os Estados passariam ainda a ter alguma importância, porém, as dinâmicas não seriam definidas por eles, e sim pelo que alguns autores chamam de geoeconomia global.

Vários autores consideram que alguns Estados ainda têm um papel hegemônico no decorrer do século XXI.

José Luís Fiori, em seu texto “A nova geopolítica das nações e o lugar da Rússia, China, Índia, Brasil e África do Sul”, publicado na Revista Economia Heterodoxa, em 2007, acredita que o sistema político mundial da atualidade nasceu na Europa há séculos. As grandes potências europeias tinham a necessidade de conquistar territórios, estabelecer grandes impérios, para o acúmulo de riquezas. Antes, a expansão econômica se dava a partir da expansão territorial efetiva, com conquistas de novos territórios, guerras. Hoje, a expansão é, de fato, econômica e não mais necessariamente feita a partir de conquistas territoriais.

Fiori acredita que os Estados Unidos continuam sendo a maior potência hegemônica, não só por seu poder econômico, mas pelo poder militar. Com a sua força militar, os EUA investiu em invasões no Oriente Médio a fim de dismantelar sistemas políticos locais mais fechados, como o de Saddam Hussein, e estabelecer democracias aos moldes liberais e ocidentais. Com isto, ganhar-se-ia mais um parceiro comercial, aumentando as possibilidades de lucros americanos.

Há, porém, alguns fatores que colocam em xeque o projeto expansionista americano: o primeiro deles é o crescimento da economia chinesa, com práticas comerciais em todos os continentes. O segundo obstáculo é o surgimento de movimentos em busca de autonomia e supremacia no Oriente Médio fomentado pelas constantes invasões americanas e, outrora, soviéticas. Estes movimentos de supremacia regional tem ganhado força também através do radicalismo islâmico. Radicalismo esse que através de ações terroristas, tem investido em atentados contra o ocidente e suas principais potências liberais.

Samuel Huntington (1997) acredita que, com o esfacelamento da União Soviética, o ocidente passou a exercer maior poder com relação a outros grupos civilizacionais. As potências ocidentais dominam os órgãos internacionais de política e segurança, bem como as instituições econômicas. Por meio disto, o ocidente impõe aos outros países, políticas que julgam apropriadas além de promovê-las. As diferenças de poder e as disputas por eles (econômicos, políticos e militares) são as bases para as rugas entre o ocidente e demais grupos. Segundo ele, no futuro, parte dos conflitos tende a ser de resistência ao “imperialismo” econômico, liberal, do ocidente, capitaneado pelos EUA. E, por isso, os grandes obstáculos para o expansionismo econômico americano são, sob sua visão, a China e os países islâmicos do Oriente Médio.

Porém, Samuel Huntington, em “O Choque das Civilizações” (1997), diz que os conflitos, no futuro, não serão essencialmente econômicos ou ideológicos, e sim culturais. Os Estados-nações continuarão sendo os agentes de maior relevância, porém os conflitos se darão

entre nações e grupos de diferentes civilizações. “As linhas de cisão entre as civilizações serão as linhas de batalha do futuro” (HUNTINGTON, 1997, p. 120).

Para Huntington, as diferenças civilizacionais podem ser profundas, mas, com a globalização, o mundo vem “diminuindo”, tornando maior o contato entre as pessoas, inclusive as que pertencem a diferentes civilizações. Isto acaba por acentuar as diferenças civilizacionais e aumentar as rugas entre determinados grupos. Além disso, as características culturais são menos mutáveis, mais difíceis de conciliar. Por fim, o autor diz que o fortalecimento do regionalismo econômico, com os blocos econômicos, tem enrijecido ainda mais a chamada consciência civilizacional, só podendo ser bem sucedido este regionalismo econômico se pautado em uma civilização comum.

A partir da discussão trazida por José William Vesentini, em confronto com leitura de outros autores, podemos concluir que a nova ordem mundial ainda não está estabelecida por completo, mas o poder que as dinâmicas econômicas a nível globalizado exercem sobre ela já está posto. Alguns autores descartam a hegemonia de alguns Estados, teorizando a nova ordem não como geopolítica e sim como geoeconômica.

Os Estados Unidos é ainda a maior potência militar do mundo e durante o século passado mostrou ser um poderoso expoente econômico. Como oposição ao projeto americano de expansão econômica, vários autores destacam a China com o seu acentuado crescimento e práticas comerciais intensas ao redor do mundo, os países islâmicos e o radicalismo religioso, além de alguns países socialistas, em específico na América Latina.

“Novas Geopolíticas”, de José William Vesentini é, portanto, indicado não só a estudantes de Geografia, mas a pessoas de várias áreas de interesse uma vez que os conflitos na nova ordem mundial tenderão a ser, segundo os autores apresentados, de inúmeras vertentes: econômicas, culturais, ideológicas, políticas, religiosas. É um livro que abrange o interesse de estudiosos das Ciências Humanas em geral. É, antes de qualquer coisa, um livro de caráter filosófico, onde são apresentadas teorias a respeito do desenrolar das relações de poder no mundo durante o século XXI.